

COLLEEN HOUCK

o destino do tigre





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para meu irmão, Jared, e sua mulher, Suki,
que me ajudam a dar assistência aos fãs, me oferecem suporte técnico,
colaboram com as cenas de luta, me dão apoio moral
e, mais importante, me ajudam a manter tudo divertido.*

SUMÁRIO



PRÓLOGO	Espaço e tempo	11
CAPÍTULO 1	Prisioneira	13
CAPÍTULO 2	Ascensão	22
CAPÍTULO 3	Ofensiva	32
CAPÍTULO 4	Reencontro	43
CAPÍTULO 5	Juntando os pedaços	51
CAPÍTULO 6	Templo de Vaishno Devi	62
CAPÍTULO 7	Destino	71
CAPÍTULO 8	Um adeus	82
CAPÍTULO 9	Vozes dos que partiram	93
CAPÍTULO 10	O nascimento de Durga	103
CAPÍTULO 11	Comprometida	110
CAPÍTULO 12	Disfarce	115
CAPÍTULO 13	Ilha Barren	120
CAPÍTULO 14	Fênix	130
CAPÍTULO 15	A esposa <i>sati</i>	143
CAPÍTULO 16	Fruta do fogo	155
CAPÍTULO 17	A Caverna do Sono e da Morte	164
CAPÍTULO 18	<i>Rakshasas</i>	175

CAPÍTULO 19	<i>Qilins</i>	193
CAPÍTULO 20	Bodha – Cidade de Luz	202
CAPÍTULO 21	Lordes da Chama	210
CAPÍTULO 22	No calor da batalha	222
CAPÍTULO 23	Quimera	233
CAPÍTULO 24	Um novo mundo	251
CAPÍTULO 25	Rivalidade entre irmãos	264
CAPÍTULO 26	Aliados	282
CAPÍTULO 27	Guerra	298
CAPÍTULO 28	Dois lados da mesma moeda	308
CAPÍTULO 29	A derrota de Mahishasur	327
CAPÍTULO 30	Amuleto reunido	345
CAPÍTULO 31	Troca de lugares	353
CAPÍTULO 32	Promessas	370
CAPÍTULO 33	Corde do Futami	378
EPÍLOGO	Nova geração	387

Ëênix que Renasce

Colleen Houck

A Fênix que Renasce conhece seu destino?
De vir ao mundo, tornar-se forte, aprender a voar.
Construir um ninho, um companheiro procurar.
Dormir, ansiar e caçar no céu infinito?

Será que sabe que o fogo é seu futuro?
Que uma chama irá lhe pôr fim à vida?
Quando o calor que purifica animar a pira,
O esforço terreno tornando-se obscuro?

Será que o pavor o peito lhe penetra?
Será que se arrepende de escolhas feitas?
Será que a mágoa a crista lhe enfeita?
E que tem consciência do preço que perpetra?

Antes extraordinário, seu corpo queima
Enquanto lança gritos de pavor e dor.
Carbonizadas, suas penas perdem a cor,
Negando a vida, uma lágrima teima.

De morte tão medonha, outra alma
Nova, assumindo seu lugar, emerge.
Com determinação e propósito elege
Um glorioso amanhecer sem trauma!

Porventura a Fênix que Renasce agradece
As cinzas negras que lhe dão a vida?
Sabe ela que o fogo seu destino lapida?
Desfruta a Terra enquanto não perece?

PRÓLOGO



Espaço e tempo

Sem mais nem menos, estavam perdidos, rodopiando através do negro redemoinho do tempo. Segundos se passaram. Éons se passaram. Moléculas se deslocaram e se agitaram. Então uma luz atravessou a poeira cósmica e, igualmente súbita, uma onda de compreensão o varreu.

Pelo processo de tentativa e erro, ele havia aprendido a controlar o vórtice e saltar através dos anos. Se corresse rápido demais, entrava em um futuro desconhecido. Se recuasse apressado, o mundo deixava de existir. O tempo requeria uma mão delicada, um toque preciso. De início, ele ricocheteava bruscamente através dos milênios, como uma pedra lisa quicando na superfície de um lago. Mas logo estava se movendo em uma dança com o cosmo, treinando passos que o levariam aos lugares que precisava ver.

Ele examinou os séculos como se fossem livros numa biblioteca. Quando terminou, sabia qual era seu lugar no Universo e como servir melhor àqueles a quem amava.

Sentindo que ela estava pronta, ele sorriu e apertou-lhe a mão. Então a puxou para si e deslocou ambos entre as estrelas, movendo-os para o começo do fim, ou o fim que levaria a um começo.



Prisioneira

Embalada pelas ondas do oceano, sonhei que nadava com um imenso dragão que piscou para mim. Enquanto ele deslizava ao meu lado impulsionado pela cauda, senti meu corpo ser empurrado. Gemi e lutei quando mãos ásperas prenderam com força meus braços e pernas. O ronco de um motor tomou o lugar do barulho das ondas, e meu sonho se modificou. De repente, eu me encontrava numa floresta e podia ouvir claramente o ruído constante de patas de tigre sobre as folhas no solo, correndo na minha direção.

Depois, vieram os pesadelos. Tubarões na água, piratas no *Deschen*, a captura pelos homens de Lokesh.

Uma voz à distância sussurrou com urgência: *Acorde, Kelsey.*

Aturdida, abri os olhos. Eu estava deitada numa cama com dossel. *Foi só um sonho horrível*, pensei agradecida.

O sol poente lançava sua luz fraca pela janela acima da cama. A janela tinha vidros grossos e grades, impedindo que qualquer pessoa entrasse... ou saísse.

– Não! – gritei para o quarto vazio.

Não era um sonho coisa nenhuma. Tentei me lembrar de tudo. Eu me lançara em três buscas para libertar Ren e o irmão, Kishan, da Maldição do Tigre. Tínhamos que encontrar apenas mais um presente para a deusa Durga a fim de quebrar o feitiço. Estávamos em um navio, e houve uma batalha contra Lokesh. Até aí eu sabia. Depois, três minúsculas picadas (dardos de tranquilizantes?), uma lancha... eu colocando Fanindra e o amuleto na água, e então a escuridão.

Eu estava trancada num estranho quarto, uma prisioneira em uma jaula. Corri para a porta e girei inutilmente a maçaneta. Concentrando minha

energia interior, ergui o braço para explodir a fechadura, mas nada aconteceu. Confusa, levei minha mão ao pescoço para tocar o Colar de Pérolas Negras de Durga.

Como foi que perdi meu poder de raio? Onde estou? Onde estão meus tigres, Ren e Kishan? Será que Fanindra os encontrou? O que aconteceu ao Sr. Kadam e à Nilima? Estarão vindo me resgatar? Como vou sair daqui?

Tentei avaliar a situação. Eu tinha o Colar de Pérolas, e o Lenço Divino ainda estava trançado pelas presilhas do cós da minha calça jeans, mas o arco e as flechas e o Fruto Dourado da Índia não estavam em nenhum lugar visível. Reprimindo uma risada amarga, percebi que poderia fazer toda água e todo tecido que desejasse com o que me restava dos presentes de Durga, como se isso pudesse me ajudar...

Apalpei a área entre os dedos, procurando o pequeno mecanismo de ras-treamento que o Sr. Kadam havia dolorosamente implantado. Ainda estava ali, o que significava que existia uma chance de a cavalaria vir correndo me salvar. Era uma chance pequena, mas era tudo que eu tinha.

Minha cabeça doía e minha boca parecia estar cheia de algodão. Tentei engolir e acabei tossindo, o que fez com que eu me sentisse ainda pior.

Controle-se, Kelsey Hayes!, pensei e me forcei a tentar analisar o ambiente. Pela janela, eu via árvores e neve, e estava a pelo menos três andares de altura. Pensei que podia avistar algumas montanhas, mas não tinha como saber onde se localizava meu cativeiro.

Meu estômago se revirou e corri para o banheiro. Depois de lavar a boca, olhei para o meu reflexo. Uma mulher assustada, exausta e desmazelada me fitou de volta. *O que aconteceu com a garota do Oregon?*

Naquele exato momento, uma voz sedosa irrompeu meus pensamentos. Fiquei paralisada. Era meu captor, Lokesh.

– Por favor, vista-se para o jantar, minha querida. Como pode ver, não há meios de fugir e eu confisquei suas armas. Está na hora de nos encontrarmos novamente. Tenho uma proposta, Kelsey Hayes. Creio que é chegado o momento de você abraçar o seu destino.

Minhas entranhas se reviraram outra vez enquanto eu imaginava o tipo de destino que Lokesh tinha em mente para mim. Eu não via câmeras nem microfones no quarto, mas sabia que estava sendo observada. Estranhamente, eu me sentia distanciada da situação. O medo frio que eu havia experimentado ao enfrentar Lokesh em cada visão fora substituído por uma trêmula determinação.

Considerarei minhas opções. Primeiro, eu precisava sair daquele quarto e identificar possíveis rotas de fuga. Esse suplício só poderia ter um entre quatro desfechos: eu fugiria por conta própria (possível); Ren e Kishan me resgatariam; eu morreria (essa decididamente não era minha primeira opção); ou eu passaria minha vida sendo a prisioneira de um psicopata, o que também não parecia muito divertido. Além disso, eu deveria recuperar o Fruto e meu arco e as flechas. Durga havia me advertido de que, se suas armas caíssem em mãos erradas, os resultados seriam desastrosos. Mordi o lábio e torci para que não precisasse escolher entre salvar a mim ou as armas.

Se sair deste quarto significa jantar com o demônio, que seja. Por ora, vou entrar no jogo dele, mas, se eu tiver que sucumbir, vou sucumbir lutando.

Instintivamente, eu sabia que bancar a donzela em perigo não funcionaria. Para vencer Lokesh em seu jogo, eu deveria me tornar algo que não era – uma mulher forte, bonita, poderosa e segura de si.

Depois de examinar o armário e encontrar apenas um tubinho justo com decote profundo, decidi assumir um risco calculado. Pedi ao Lenço que criasse roupas novas para mim, da forma mais discreta possível, e o instruí a não fazer nenhuma de suas mudanças de cor caleidoscópicas.

Tirei o novo traje do armário e fiquei maravilhada diante de seus detalhes. O Lenço havia criado uma glamourosa *lehenga* em dourado e azul-cobalto. A blusa de jacquard de mangas curtas marcava minha cintura, e a saia longa e justa delineava minhas curvas. Usar as cores de Ren e de Kishan me deu uma dose muito necessária de coragem, e achei que o conjunto elegante me ajudaria com o papel que eu pretendia desempenhar. O Lenço produziu inclusive um par de brincos pendentes imitando safiras, feitos de um tecido leve.

Assim que terminei de me vestir, um criado esguio e de aparência ameaçadora abriu a porta do quarto. Implorei para que me deixasse fugir, mas ele sacudiu a cabeça e replicou algo incompreensível em híndi. Enfiei o Lenço por dentro da manga, tentei lembrar as poucas palavras que conhecia naquela língua e repeti minha súplica por ajuda:

– *Trahi!*

O homem, porém, apenas me conduziu por um corredor onde se alinhavam mais janelas gradeadas, grossos tapetes e paredes com lambris.

Em seguida, atravessamos uma série de portas trancadas, cada uma delas guardada por uma sentinela. Quando outra porta se fechou ruidosamente e

se trancou às minhas costas, me veio a lembrança de que era assim que a jaula de Ren no circo era disposta – portas dentro de portas a fim de proteger os humanos do tigre. Rapidamente fiz uma observação mental: *Fugir por conta própria será difícil, se não impossível. Mas o bom disso é que Lokesh acredita que precisa de um alto nível de segurança para me conter. Talvez exista alguma forma de usar isso contra ele.*

A última porta se abria para uma sala de jantar onde uma mesa estava posta para dois. O criado puxou uma cadeira e gesticulou, indicando que eu me sentasse, antes de deixar a sala silenciosamente. Brinquei com a faca da manteiga enquanto esperava. Meu estômago se contorcia de nervosismo e eu me perguntava como conseguiria encarar Lokesh sozinha. Em nossa última busca para quebrar a Maldição do Tigre, eu tinha lutado contra um *kraken* e um tubarão gigante. Mas, de certa forma, aquelas feras não pareciam tão perigosas quanto a personificação do mal que eu enfrentava agora, o monstro que havia transformado meus dois príncipes indianos em tigres mais de três séculos atrás.

– Que bom que você aceitou meu convite para jantar – disse Lokesh, surgindo de repente na cadeira à minha frente.

Ele parecia diferente desde a última vez que o tinha visto. Mais jovem. Embora eu ainda reconhecesse a maldade sombria por trás de seus olhos negros, consegui me controlar. Lokesh pegou minha mão e a beijou rudemente.

– Não que eu tivesse escolha – repliquei.

– Exato. – Ele sorriu e apertou minha mão com um pouco mais de força. – Tampouco lhe dei uma opção de roupa – prosseguiu ele –, e no entanto aqui está você, usando um traje diferente. Posso perguntar onde o conseguiu?

Em um movimento suave, cobri minha faca com o guardanapo e os coloquei no colo, deslizando o utensílio cuidadosamente para o bolso. Esperando que ele não tivesse notado, comentei com ironia:

– Quando você me contar de onde vem o *seu* poder, ficarei feliz em lhe mostrar como criar um guarda-roupa do nada.

Uma nova onda de coragem percorreu meu corpo agora que eu finalmente tinha algum tipo de arma.

Para minha surpresa, Lokesh riu.

– Como é encantador estar na companhia de uma mulher espirituosa. Creio que serei tolerante com você, *por ora*. Mas não teste a minha paciência.

Seu sorriso se transformou numa expressão maliciosa. De perto, Lokesh parecia mais asiático que indiano. O cabelo escuro era cortado curto,

partido de lado e alisado para trás – bem diferente de Ren, cujo cabelo sempre caía nos olhos azuis.

O feiticeiro se movimentava de forma contida, mantendo os ombros e as costas rígidos. Ele estava mais musculoso e bonito do que antes, até mesmo atraente. Mas eu sabia que um louco espreitava sob a superfície, e suas feições ainda carregavam sua propensão ao mal.

A comida foi servida e nossos pratos rapidamente se encheram com os condimentados sabores indianos. Os criados eram eficientes e extremamente silenciosos. Belisquei a comida, lutando para recuperar o apetite.

– Você usou magia para parecer mais jovem? – perguntei com cautela.

Seus olhos negros ficaram ainda mais escuros, mas em seguida ele sorriu.

– Usei. Você está me achando bonito? Sente-se mais confortável ao me ver com uma idade mais próxima à sua?

Estranhamente, eu me sentia.

Dei de ombros.

– Eu me sentiria desconfortável independentemente da sua aparência. De qualquer forma, por que se importa com isso? Estou surpresa que não tenha me acorrentado no porão e não esteja se preparando para cravar pregos nos meus polegares.

Uma centelha azul chamou minha atenção e levantei os olhos. Mas, se estava ali antes, já havia desaparecido. Lokesh franziu a testa e esfregou os dedos.

– Você preferiria ser acorrentada no porão? – perguntou com casualidade, me provocando de maneira perturbadoramente lasciva.

– Não, só estou curiosa. Por que estou recebendo tratamento especial?

– Está recebendo tratamento especial porque você é especial, Kelsey. Como demonstrou esta noite, você tem poderes próprios e eu não quis reprimi-los.

– Ele estalou a língua, desapontado. – Parece que você não me compreende nem um pouco. Tenho certeza de que minha causa foi deturpada. Agora que você tem a chance de me conhecer melhor, acho que vai descobrir que não sou um homem difícil de agradar.

Inclinei-me para a frente, vendo a oportunidade de desafiá-lo.

– Por alguma razão, duvido que Ren concordasse com essa avaliação.

Lokesh deixou o garfo cair com um grande ruído e então encobriu habilmente sua ira.

– O *príncipe* se rebelou em todas as oportunidades. Por isso foi tratado tão... severamente. Espero que *sua* reação a mim seja diferente.

Pigarreei e respondi:

– Suponho que tudo dependa do que você quer de mim.

Lokesh tomou um gole de sua taça enquanto me olhava com sagacidade por sobre a borda.

– O que quero, minha querida, é a oportunidade de lhe mostrar como é um verdadeiro homem de poder. Seria um erro continuar a se aliar com os tigres. Eles não têm nenhum poder de verdade, não como você ou eu. Na realidade, o amuleto os amaldiçoou. Nunca foi concebido para eles. Sou eu quem está destinado a unir os pedaços. É por mim que o Amuleto de Damon clama.

Limpei os lábios com o guardanapo, protelando, enquanto um plano louco começava a se formar na minha cabeça. *Se é uma adversária poderosa o que ele quer, então é o que vai ter. Chegou o momento de dar utilidade às minhas aulas de teatro. Primeiro Ato: Jantar com uma garota misteriosa com poderes sobrenaturais, atitude insolente e nervos de aço. É hora do espetáculo...*

– Como sabe, não tenho mais um pedaço do amuleto. Se esperava conseguir a minha parte me bajulando, vai ficar muitíssimo decepcionado.

– Sim, seus preciosos tigres devem estar com ela. Talvez a tragam com eles quando vierem em seu resgate.

Desconcertada, fiz uma pausa, mas só por uma fração de segundo.

– E o que o faz pensar que eles virão?

– Ora, minha querida Kelsey. Eu vi como eles olham para você. Você os cativou com mais eficiência do que a minha filha, Yesubai. Não é tão bonita quanto ela, mas há ousadia e desafio em seu olhar. Suspeito que Dhiren só sobreviveu às minhas técnicas de interrogatório porque queria voltar para os seus braços. Ambos os príncipezinhos estão aleijados por causa de seu amor por você. Isso os deixa fracos e burros.

E lá vamos nós... Dirigi um sorriso afetado a Lokesh.

– Talvez você caia na mesma armadilha que eles – ameacei.

– Está dizendo que iludiu os príncipes, fazendo-os se apaixonarem por você? Porque, se fez isso, meu conceito sobre você acaba de aumentar.

Embora aterrorizante a princípio, a encenação acabou me dando ânimo. Meu medo se dissolveu até se tornar um carocinho no fundo do estômago, pequeno o bastante para que eu pudesse ignorá-lo. Passei a língua pelos lábios numa tentativa deliberadamente lenta de distraí-lo.

– Uma mulher esperta usa todas as ferramentas à sua disposição para obter o que deseja.

Lokesh estreitou os olhos, disposto a encarar meu ataque verbal.

– E o que você deseja, Kelsey?

Fazendo um tipo Scarlett O’Hara, dei uma risada insolente.

– Certamente você não espera que eu entregue todos os meus segredos no nosso primeiro encontro. Não sou tão ingênua assim. Mas... se quiser colocar nossas cartas na mesa agora, me diga: o que quer de mim?

– Quero que você se alie a mim, não aos tigres.

– De que maneira? – perguntei, tentando desesperadamente não estremecer com o pensamento.

De repente, senti um formigamento avançando em minha pele. Não doía, mas era íntimo, invasivo. Uma brisa leve pairou sobre meus braços nus e envolveu meu pescoço. Dedos invisíveis subiram pela minha nuca, penetrando em meus cabelos, e então tornaram a descer para a clavícula. Embora Lokesh não houvesse movido um só músculo, eu tinha certeza de que ele era o responsável. Fiz de tudo para ignorar aquela sensação.

O feiticeiro se inclinou para a frente e soltou uma risada artificial.

– Tenho um duplo propósito aqui: sinto prazer em roubá-la dos príncipes. Imaginar o sofrimento deles é gratificante. Mas a verdadeira razão é combinar nossos poderes de todas as maneiras possíveis... com um filho.

– Um filho – repeti suavemente, apesar de meu estômago estar dando cambalhotas. – Por que eu? Quer dizer, por que depois de todos esses anos? Acho que só estou chocada por você ainda não ter encontrado a Bonnie para o seu Clyde, a Mortícia para o seu Gomez. A união com a mãe de Yesubai não foi suficiente?

Lokesh sibilou:

– A mãe de Yesubai era uma idiota. Era bonita, mas se acovardava diante de mim. Não estava à minha altura.

– Provavelmente não ajudou em nada o fato de você tê-la matado.

Dessa vez ele não se deu ao trabalho de esconder as faíscas azuis de raiva nas pontas dos dedos.

– Cuidado – adverti. – Se você me mostrar os seus, terei que mostrar os meus, e acabaríamos estragando nossa deliciosa conversa.

Ele fechou os olhos e conseguiu se controlar.

– Suponha que eu concorde com a sua proposta, lhe dê um herdeiro e partilhe meu poder com você – continuei. – Quero algo em troca. Você já disse que, se eu ficasse com você de bom grado, iria permitir que os tigres vivessem. Vai manter a palavra?

– Você concordar ou não é irrelevante.

Hora do Segundo Ato: Garota misteriosa exhibe seus poderes. Puxei o Lenço da manga. Segurando-o na palma da mão, pedi que mudasse de cor. Ele obedeceu, passando primeiro ao vermelho e depois ao azul quando o pressionei no rosto. Lokesh olhava o Lenço com fascinação. Ergui uma sobrançelha e o Lenço lançou fios pela sala, criando uma grande teia. Então ele se encolheu, transformando-se num guardanapo branco, que dobrei e coloquei ao lado do prato.

– E se eu dividisse esse poder com você? – perguntei, indiferente.

Se ele ficou impressionado, foi só por um momento. Lokesh estreitou os olhos, atirou o próprio guardanapo no prato e se aproximou do meu lado da mesa. Com brutalidade, pegou meu braço e me puxou, forçando-me a ficar de pé. Ele sorriu ao ver a expressão de terror no meu rosto.

– Vou considerar a possibilidade de deixar os tigres viverem se você fizer de boa vontade o que eu quero.

Como se para selar o acordo, Lokesh acariciou meu rosto e inclinou-se para sussurrar no meu ouvido.

– Diga-me, Kelsey, o que a diverte? Do que – ele respirou fundo – você tem medo?

Diante do meu silêncio, ele riu – e então me puxou para mais perto e me beijou violentamente, mordendo meu lábio com força. Quando enfim me soltou, limpei com o polegar a boca machucada e o fuzilei com o olhar.

Lokesh deu risada outra vez, contente.

– E ainda me desafia... Você vai me dar muito prazer, Kelsey.

– Que bom que pensa assim.

Cuspi as palavras, agora com mais raiva do que medo.

– Saiba, minha querida, que não dou a mínima para os tigres; só quero pegar seus amuletos. Se você me der um filho e me ajudar a conquistar o poder que eu busco, deixarei os tigres em paz. Agora que os termos estão estabelecidos, vou acompanhá-la de volta ao quarto para que possa refletir sobre sua decisão. Estou ansioso para conhecê-la melhor – declarou ele com uma expressão sórdida que me fez estremecer.

Respirando fundo, peguei o Lenço, enfiei cuidadosamente a mão no bolso e deixei que Lokesh me escoltasse de volta à minha prisão.

– Vamos conversar mais sobre alianças amanhã, meu bichinho – sussurrou ele, ofegante, no meu ouvido. – E devolva a faca que você pegou da mesa.

O comentário me apanhou de surpresa, mas tentei manter a expressão impassível. Sorrindo, retirei a pequena faca do bolso e pressionei de leve a ponta contra o seu peito.

– Não se pode culpar uma garota por tentar.

Deliciado, ele envolveu meus dedos com os seus e puxou a faca da minha mão, raspando a lâmina rudemente contra a pele da minha palma. Vendo o sangue verter, Lokesh levou à boca o corte que ardia. Vi o êxtase infame dominá-lo enquanto ele beijava minha mão e lambia as gotas vermelhas em seus lábios.

Finalmente ele me soltou com uma última ameaça.

– Estarei vigiando cada movimento seu, minha querida. Espero ansioso por nossas... futuras interações.

A porta se fechou atrás de mim, e eu ouvi o clique de uma fechadura pesada. Fiquei feliz por estar separada dele por dezenas de grossas barras de metal.

Cai a cortina, pensei e desabei na cama, completamente esgotada e me perguntando como conseguiria sair dessa última enrascada.



Ascensão

No dia seguinte, Lokesh mostrou-se ainda mais desafiador, e eu fiquei mentalmente exausta com a constante luta verbal de alto risco. Eu não tinha a menor ilusão. Mesmo que ele me deixasse viver o bastante para ter um filho, eu sabia que não estaria presente para criá-lo.

Fui liberada do quarto durante o dia, mas nunca sem um guarda ou o próprio Lokesh ao meu lado. O lugar parecia uma fortaleza. A decoração era escassa: não havia quadros e a mobília, em quantidade mínima, era de aparência pesada e cara. E o mais importante era que não parecia existir portas que levassem à parte externa da casa.

Enquanto caminhávamos, ele me machucava com apertos e beliscões. Todas as vezes que Lokesh agarrava meu braço ou me puxava para muito perto dele, eu fechava os olhos, pensava em como ele havia torturado Ren e quebrado seus dedos no acampamento dos baigas e dizia a mim mesma que eu tinha sorte.

Para distraí-lo, eu mostrava mais de meus “poderes”. Fiz uma réplica do amuleto com o Lenço, usei o Colar de Pérolas para tornar a encher um copo d’água e criei um magnífico casaco com acabamento dourado. A princípio, Lokesh mostrou-se alegre, mas logo se cansou da exibição. Dava para notar que ele estava ficando impaciente.

No jantar daquela noite, pensei com saudade no Fruto Dourado e desejei que Lokesh não o tivesse tirado de mim. Os deliciosos crepes do Sr. Kadam me vieram à mente... e, para a minha surpresa, uma travessa de crepes com calda de frutas vermelhas e chantili apareceu diante de nós.

Corri os olhos pela sala, procurando possíveis esconderijos. *O Fruto Dourado deve estar aqui perto!*

Lokesh levantou-se de um salto.

– Este é mais um de seus poderes?

– É, sim – repliquei, erguendo os olhos e o encarando. – Posso criar qualquer comida ou bebida que você desejar.

Aconteceu muito rápido; eu estava completamente despreparada para o que veio a seguir. Lokesh me esbofeteou com força e puxou meu queixo em sua direção, torcendo meu pescoço dolorosamente.

– Você devia ter me contado isso antes. Nunca mais minta para mim – ameaçou.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Cerrei os dentes e tremi de raiva. Pensei em todas as coisas que poderia fazer com ele, mas nenhuma delas seria letal. Só o deixariam ainda mais furioso.

Meu rosto queimava e formigava no lado em que ele batera, mas me recusei a esfregá-lo ou a admitir a dor. Tentei mudar de assunto, distraí-lo de sua fúria. Imaginando que um homem como Lokesh adoraria falar sobre si mesmo, voltei a me recostar na cadeira, bebi um gole de água e disse:

– Conte-me sobre o seu passado. Se vamos ter um filho, quero que ele conheça sua herança. Já sei que ele teria ascendência americana por parte de mãe.

– Um fato que eu preferiria apagar da mente.

– Então me fale mais sobre a *sua* história. Você não se orgulha o suficiente dela para contá-la?

Seu rosto ficou novamente coberto por manchas vermelhas e ele falou com os dentes trincados.

– Ninguém irá julgar a mim ou a meus descendentes e nos considerar inadequados.

Ergui uma sobrancelha.

– Muito bem. Então me conte.

Lokesh me avaliou por um momento, em seguida recostou-se e começou:

– Nasci como primogênito ilegítimo do imperador Shu durante a era dos Três Reinos. Minha mãe era uma jovem escrava indiana capturada numa caravana no ano 250 da era cristã. Era bonita, de modo que despertou o interesse do imperador. Ela se matou um ano após o meu nascimento.

– Um imperador?

– Sim. – Lokesh sorriu, malicioso. – Nosso filho terá sangue real.

– Como foi crescer como filho de um imperador?

Ele bufou.

– Meu pai, em um atípico gesto de generosidade e humanidade, tomou-me sob sua guarda e me ensinou o que significa ter poder. Ele dizia que um homem verdadeiramente poderoso escuta apenas a si mesmo porque não pode confiar em mais ninguém, toma o que quer porque ninguém lhe entregará nada gratuitamente e usa armas que outros temem manejar. Observei seu exemplo com atenção ao longo dos anos e aprendi muito bem suas lições. Ele possuía um pedaço do amuleto e me falou do poder daquele objeto.

Baixei o garfo, esquecendo os deliciosos crepes enquanto Lokesh prosseguia.

– Meu pai me disse que eu só poderia exercer o poder do amuleto se ele morresse sem um herdeiro adequado. A partir do momento que tomei conhecimento do amuleto, eu o cobicei e não pensava em mais nada.

Lokesh tinha um brilho diferente no olhar ao me contar sua história.

– Quando eu ainda era garoto, a guerra chegou ao nosso império e, pela primeira vez, estávamos no lado perdedor. Desesperado, meu pai tentou uma barganha de último minuto e ofereceu-se para tomar a filha adolescente de um líder dos bárbaros como noiva. Ele esperava que isso salvasse o império. Fiquei enojado com essa atitude. Ele havia se tornado fraco, temeroso. Já não era o homem que inspirava medo nos outros. Sua esposa bárbara lhe deu um filho e, à medida que o menino crescia, fui dispensado da companhia de meu pai. Ele já não confiava em mim. Eu não tinha mais direito ao trono. Jurei então que tiraria a vida de meu meio-irmão e de meu pai. Eu estava com 10 anos.

Tive que disfarçar meu horror. Não ousaria interrompê-lo.

– Quando meu irmão tinha 7 anos e eu, 17, levei-o para caçar. Dispensando os guardas, saímos em cavalgada seguindo o rastro de um cervo. Foi muito fácil empurrá-lo do cavalo. Passei por cima de seu corpo diversas vezes usando seu próprio animal até ele estar praticamente morto. Então matei o cavalo e levei o corpo pisoteado da criança de volta para o meu pai. Eu disse ao imperador que o cavalo havia derrubado meu irmão caçula e enlouquecido, pisoteando-o até matá-lo. Para tranquilizá-lo, contei que a fera já havia sido morta, e por mim. O fato de ele ter acreditado em minhas mentiras era uma prova de quanto se tornara fraco.

Seu relato continuava, e eu mal piscava, atenta e apavorada.

– Alguns meses mais tarde, cravei uma faca entre as costelas de meu pai enquanto ele dormia e peguei o amuleto. O velho nem sequer acordou. Quando ascendi ao trono, imediatamente mandei matar sua esposa bárbara

e peguei os anéis do império. Meu pai usava um e a princesa bárbara, o outro, o que ele dera a meu meio-irmão quando de seu nascimento. Era um símbolo de que ele seria o próximo imperador.

Lokesh girou um anel em seu dedo indicador direito.

– Este é o emblema do Império Shu e este – ele agitou o dedo mínimo – é o anel do príncipe herdeiro. O anel que meu meio-irmão usava.

Engoli minha repulsa e perguntei:

– Por quanto tempo você foi imperador?

– Não muito. A fraqueza do meu pai tinha se tornado uma desculpa para que outros chefes militares nos pusessem constantemente à prova na batalha. Eu não tinha o menor interesse em ocupar o trono de meu pai e, quando meus exércitos fugiram por covardia, também escapei. A essa altura, meu único objetivo era conseguir as outras partes do amuleto.

– Então o amuleto o manteve vivo todo esse tempo?

– Isso, combinado com um pouco de magia negra que aprendi ao longo dos anos.

– Entendo. Mas como você...

Lokesh me interrompeu.

– Chega de perguntas. Agora é a minha vez. Quero vê-la demonstrar o uso de sua arma.

– Minha arma? – perguntei, hesitante.

– Seu arco e as flechas douradas.

Devagar, amassei o guardanapo entre as palmas subitamente suadas de minhas mãos. *O arco e as flechas de Durga também estão em algum lugar por aqui!*

– Tudo bem – concordei.

Ele esfregou o queixo e chamou um guarda. Contei o tempo que o guarda levou para trazer o arco. *Sessenta segundos.*

Quando a arma estava de volta em minhas mãos, ajustei uma flecha – no momento em que Lokesh advertia:

– Nem sequer pense em usá-las contra mim. Desviei suas flechas antes e posso facilmente fazer isso de novo.

Deduzindo que ele provavelmente tinha razão, mirei numa estátua do outro lado da sala e observei a flecha penetrar no mármore.

– Estes foram presentes da deusa Durga – expliquei. – As flechas se reabastecem magicamente e também desaparecem do alvo para que não possam ser rastreadas.

– Interessante.

Lokesh indicou o alvo e pediu que eu repetisse a performance.

Dessa vez, tentei imbuir a segunda flecha com meu poder para tornar o efeito mais impressionante. Minha mão começou a brilhar, mas se apagou rapidamente. *Eu ainda estou sem o poder do fogo.*

Lokesh fitou minha mão brilhante, fascinado.

Inventei uma mentira o mais rápido que pude.

– Quando disparo uma flecha, minha mão brilha. Acredito que seja para ajudar na pontaria.

– MUITÍSSIMO interessante. Então me conte como encontrou isto – disse ele ao colocar o Fruto Dourado sobre a mesa.

Pus o arco e as flechas de lado e lhe contei sobre a cidade perdida de Kishkindha. Expliquei que Durga pediu que localizássemos quatro itens, todos com propriedades mágicas, e, em troca, os tigres voltariam a ser homens. Não contei toda a verdade nem entrei em detalhes, calculando que seria melhor Lokesh não saber de tudo.

– Por que você se importa se eles são tigres ou não?

– Quando descobri os presentes que Durga partilhou comigo, eu quis mais – menti tranquilamente, jogando com a sede de poder de Lokesh.

Ele assentiu, pensativo, e girou o Fruto Dourado entre as mãos.

– Talvez possamos juntos completar a sua busca e oferecer a Durga os prêmios. Em troca, nós dois conquistaremos o poder que você deseja.

Sorri. *Talvez este plano maluco esteja dando certo...*

– Eu me sentiria... honrada em partilhar os poderes dela com você.

Lokesh chamou um criado para recolher o Fruto e o arco e flechas. Num impulso, instruí o Lenço a prender um fio invisível ao arco e lhe disse que seguisse minha arma até seu esconderijo. Fiz com que prendesse sua outra ponta à estátua e pedi ao fio que se enterrasse no tapete e se confundisse com seus fios.

Assumindo o risco, elevei o desafio.

– Agora que partilhei alguns de meus poderes com você, talvez você retribua o fav...

Antes que eu pudesse terminar a frase, um arrepio gélido me envolveu, e eu me vi paralisada, incapaz de me mexer, falar ou reagir.

Lokesh tocou meu rosto, sorriu diabolicamente e se aproximou.

– Você dividiu alguns de seus talentos comigo com tanta generosidade... Achei que deveria retribuir.

Ele rasgou o ombro do meu vestido, então gemeu e traçou uma trilha de beijos dolorosos do meu ombro nu aos meus lábios congelados. Correu as mãos rudemente pelas minhas costas, subindo e descendo, e puxou meu cabelo. Eu queria vomitar, mas não conseguia. Seu hálito quente e pungente era tudo que eu respirava.

Arfando, ele se endireitou. Seus olhos cintilavam com um prazer selvagem. Lokesh passou os dedos levemente pela minha clavícula e brincou com o tecido rasgado em meu ombro.

– Você me agrada muito, Kelsey – murmurou.

Então depositou um último beijo em meu ombro nu e se afastou, sorrindo.

– Se eu quisesse, poderia matá-la congelando-a num piscar de olhos – Lokesh regozijou-se. – Você só está respirando porque não congelei seus pulmões nem o sistema cardiovascular. – Ele segurou meu queixo quase amorosamente. – Aí está. Não foi uma demonstração eficaz?

Lokesh me soltou, e eu pisquei e me dei conta de que podia me mexer novamente. Meu ombro doía. Segurei o pedaço rasgado de meu vestido de encontro ao ombro e assenti, engolindo com dificuldade.

– Muito eficaz.

– Você tem outras perguntas? – indagou ele.

– Vai saber quando eu tiver – murmurei, enquanto tentava desesperadamente controlar meus membros trêmulos.

Eu estava com esperança de fazê-lo abrir o jogo, o que talvez me permitisse descobrir um ponto fraco, mas não estava preparada para *aquilo*.

Enquanto eu me recompunha, Lokesh dirigiu-se à lareira e atçou o fogo. As chamas crepitaram e dançaram. Senti-me grata por ele estar mais distante.

Contei-lhe sobre as outras buscas de Durga sem divulgar os prêmios verdadeiros para ter tempo de me recuperar de seu ataque perturbador. O que mais o interessou foi o tesouro do dragão dourado. Falei-lhe da teoria do Sr. Kadam de que esses prêmios haviam sido roubados de Durga e que ela os queria de volta.

– Qual é a idade desse Sr. Kadam? Eu sei que ele usa a outra parte do amuleto – disse Lokesh.

– Ele é alguns anos mais velho que Ren e Kishan. – Esperando saber mais sobre o amuleto, prossegui: – Como você consegue parecer jovem? É por causa do amuleto?

– Em parte. Logo depois de eu ter encontrado o segundo pedaço, percebi que minha vida havia sido prolongada. Embora minha aparência natural

seja a de um homem de 50 anos, posso alterá-la para parecer mais jovem quando quero. Costumo escolher a idade que vai me ajudar a alcançar meu objetivo.

– Sei que o amuleto impede que o Sr. Kadam envelheça, mas ele não tem a habilidade de parecer mais jovem como você – comentei, voltando ao amuleto.

– Ele só tem uma parte do amuleto e nenhuma delas foi usada pelos seus antepassados.

– Que diferença isso faz?

– O poder é intensificado segundo o número de partes que você tem – explicou Lokesh. – Os descendentes daqueles que usaram o amuleto têm vidas muito longas, mesmo que nunca o tenham usado.

Preciso saber mais. É a única maneira de desvendar todo esse enigma.

– Sim. O Sr. Kadam mencionou que seus filhos e os filhos de seus filhos vivem mais do que a média das pessoas. Você acha que é por isso que Ren e Kishan estão vivos há tanto tempo mesmo sem usarem o amuleto?

– O amuleto os amaldiçoou. Por me desafiarem, eles sofrem uma vida eterna como feras.

A maldição. Mordi o lábio e revi tudo que tínhamos aprendido em nossas buscas anteriores. Será que o amuleto não está protegendo Ren e Kishan? Preciso saber mais.

– Essa expressão significa que você ainda se importa com as feras, minha querida?

– Não é isso. Só estou preocupada com a possibilidade de eles retornarem e tentarem pegar as suas partes do amuleto – menti, mostrando um semblante preocupado.

– Não se atormente. Se voltarem, podemos facilmente tecer uma armadilha para eles com seus fios mágicos, e, é claro, eu conheço mais do poder do amuleto do que eles.

Sorri timidamente, bajulando-o com palavras insinceras.

– Posso perguntar como você encontrou as partes do amuleto, meu... soberano? Desculpe-me se é atrevimento da minha parte chamá-lo assim, mas você foi um imperador, e um homem de sua grandeza deve ser tratado adequadamente.

Sorrindo, ele me examinou com ar astuto e então disse:

– Perambulei por muitos anos, pedindo informações a eruditos, monges e reis sobre uma grande batalha que uniu os reinos da Ásia. Durante esse

tempo, comecei a estudar magia negra e bruxaria. Procurei aqueles tidos como magos negros, aprendi tudo que se dispunham a me ensinar e arranquei deles aquilo que ocultavam. Segui muitas pistas que levavam apenas a becos sem saída. No entanto, uma a uma, descobri todas as cinco partes do amuleto. Ren e Kishan foram as últimas peças do quebra-cabeça. O fato de terem me escapado durante todo esse tempo me irrita até hoje.

– Por que você simplesmente não matou logo Ren e Kishan? – perguntei.

Lokesh se recostou e replicou:

– Uma resposta breve para essa pergunta muito sagaz é que eu queria saborear o momento. Quando conheci a família real, Dhiren tinha 5 anos e Kishan, 4. Seus pais, Rajaram e a mulher, Deschen, nunca usavam suas partes do amuleto em público. Eles também se cercavam, assim como a seus príncipezinhos, de guardas fiéis, graças aos quais era impossível se infiltrar no palácio. Passei vários meses observando a família real. Foi quando fiquei fascinado por Deschen. Ela participava de todos os aspectos do governo do reino. Era inteligente, bonita e tinha uma sedutora combinação de força e delicadeza. Qualquer tolo podia ver que seus filhos cresceriam e se tornariam os maiores líderes de seu tempo. Para minha surpresa, descobri que, além de querer reunir o amuleto, eu também desejava ardentemente Deschen e ter meus próprios filhos fortes.

– Hum...

– Fingindo ser um rico mercador no vizinho reino de Bhreenam, chamei atenção suficiente para conquistar uma posição no conselho do rei e, por meio de roubo, traição e astúcia, fui apontado comandante de sua força militar. Desviei dinheiro do governo, tomei bens do povo e trabalhei para destruir o reino. Também enviei espiões para a terra de Rajaram. Por essa ocasião, um rico mercador ofereceu a filha em troca de tratamento favorável. Ela era bonita, esguia e jovem. E tinha os mais impressionantes olhos cor de violeta.

– A mãe de Yesubai.

Ele assentiu.

– Mais tarde, quando ela contou que estava grávida, fiquei satisfeito. Imaginei um menino forte como Dhiren, mas com olhos violeta. Eu a mimei e papariquei...

Reprimi um tremor enquanto me perguntava qual poderia ser, para Lokesh, a definição de mimar e paparicar.

Ele prosseguiu.

– ...e foi bem no início de sua gravidez que nos casamos. Na noite em que deu Yesubai à luz, eu aparei a criança. Os olhos do bebê eram de fato violeta, e levei vários segundos para me dar conta de que se tratava de uma menina. Coloquei a criança de volta no berço. Estava furioso. Eu desejara um filho e agora tinha uma menina inútil. Sem remorso nem piedade, estrangulei a mãe de Yesubai.

Engoli em seco, pensando na pobre garota, e soube que meu destino provavelmente seria o mesmo dela.

– Qual era o nome de sua mulher? – perguntei baixinho.

– Yuvakshi. – Ele estalou a língua. – Ora, ora. Sei o que está pensando. Vários séculos se passaram desde que isso aconteceu. Garanto a você que minha atitude em relação às mulheres progrediu com o tempo... pelo menos um pouco. Além disso, você é muito mais valiosa para mim do que minha primeira mulher, e eu não tinha nenhum controle sobre meu temperamento. Se descobrirmos que a criança que você estiver gerando for uma menina, simplesmente a tiraremos e tentaremos novamente.

Respirei fundo e procurei transformar minha careta em sorriso.

– Claro, você está certo. Não estou nem um pouco preocupada – consegui dizer. Quando percebi o brilho em seus olhos, pigarreei, nervosa. – Então, quando você decidiu usar Yesubai para ter acesso ao reino de Rajaram?

– Como você é esperta, minha querida – disse Lokesh, ainda me olhando de modo muito perturbador. – Yesubai aprendeu muito cedo a me obedecer sem questionar. Era linda, como a mãe. Quando ela estava com 16 anos, matei o velho rei e tomei o trono. Comecei a expandir as forças militares e tentei várias vezes me infiltrar no palácio de Rajaram sem sucesso. Seu exército era mais forte. Recorri à diplomacia, o que levou a família Rajaram a me abrir os braços, mas, todas as vezes que os visitava, um dos garotos estava ausente.

Era muita informação, e eu me esforçava para assimilar tudo aquilo. Ele prosseguiu rapidamente:

– Yesubai contou que vira o mais jovem usando o amuleto. Numa tentativa de encontrar os dois irmãos no palácio ao mesmo tempo, negocieei o casamento entre Yesubai e Dhiren, mas planejei que ela se casasse com o irmão que fosse mais facilmente influenciável. Então eu mataria o outro e Rajaram, tomaria Deschen para mim e requisitaria suas partes do amuleto.

– Ah...

– Acabamos por comprovar que não havia como controlar Dhiren. O irmão, Kishan, porém, era mais suscetível a um rostinho bonito.

Pensei no que Kishan havia me contado sobre Yesubai. Não podia imaginá-la sendo tão fria e enganadora. Decidi dar a ela o benefício da dúvida. O que quer que a filha de Lokesh houvesse de fato feito e sentido, não merecia a vida que teve.

– Então você não queria mesmo matar Ren quando ele e Kishan se transformaram em tigres? – perguntei, tentando entender como e por que a maldição ocorrera.

– Não. Eu queria usá-lo. Mantê-lo sob o meu poder e causar-lhe dor. Prolongar sua morte. Tentei controlá-lo por meio de magia de sangue. Comprei um medalhão de um sacerdote da magia negra. Aqueles contra os quais eu usara o medalhão haviam se tornado servos estúpidos, dispostos a fazer qualquer coisa que eu pedisse. Mas não parecia afetar Dhiren ou Kishan. Os amuletos que eles usavam podem ter afetado o feitiço e os transformado em tigres, em vez de servos. Não fui eu quem ativou a Maldição do Tigre. Olhando para trás, eu deveria ter matado Dhiren quando tive a oportunidade, mas eu achava que já havia vencido. Obviamente, as coisas não correram como eu queria.

Com um floreio, Lokesh pegou minha mão e pousou a boca rudemente nela – sua versão de um carinho. Com os olhos negros faiscando ameaçadoramente, ele sustentou meu olhar e disse as palavras que fizeram meu sangue congelar:

– Chegou a hora, meu bichinho. Vai se oferecer a mim de boa vontade em troca da vida dos tigres?

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br